

ENTRÓPIO EM FELINO – RELATO DE CASO

Sarah Henriques Pedretti¹, Inaê Ferreira Magalhães²,
Dayana Alersa Conceição Ferreira Ermita³, Waleska de
Melo Ferreira Dantas⁴, Tatiana Borges de Carvalho⁵

Resumo: O entrópio consiste na inversão ou dobra das pálpebras, onde os cílios atitam constantemente com a córnea, levando ao desconforto ocular, epífora, blefaroespasma, ceratite ulcerativa, dentre outros sinais. Os felinos são menos frequentemente acometidos por este distúrbio, quando comparados aos cães, sendo então esta patologia pouco relatada nessa espécie na literatura. O presente relato descreve o caso de um felino, macho, de aproximadamente um ano e seis meses de idade apresentando epífora bilateral. Após exame físico, o mesmo foi diagnosticado com entrópio inferior bilateral, sendo então encaminhado à cirurgia. A correção cirúrgica foi através da técnica de Hotz Celsus, sendo a recuperação sem maiores complicações. O procedimento cirúrgico foi eficaz na correção da inversão palpebral, e pode ser indicado para a correção de entrópio inferior em felinos.

Palavras-chave: Cirurgia, gatos, pálpebra, úlcera de córnea.

Introdução

O entrópio é um distúrbio caracterizado pela inversão palpebral ocasionando irritação do globo ocular pelo atrito dos cílios com a córnea e a conjuntiva (BASHER, 2007) e de acordo com White

¹ Ex. Graduanda em Medicina Veterinária – FAVIÇOSA/UNIVIÇOSA. e-mail: sarah.1995@hotmail.com

² Aluna de graduação do curso de Medicina Veterinária – FAVIÇOSA/UNIVIÇOSA. e-mail: inaemagalhaes@outlook.com

³ Discente do Programa de Doutorado – Universidade Federal de Viçosa. e-mail: dayana.alersa@gmail.com

⁴ Professora do curso de Medicina Veterinária – FAVIÇOSA/UNIVIÇOSA. e-mail: wafedantas@yahoo.com.br

⁵ Professora orientadora do curso de Medicina Veterinária - FAVIÇOSA/UNIVIÇOSA. e-mail: tatianabcarvalho@yahoo.com.br

et al. (2011), pode ser classificado em primário e secundário, sendo este último subdividido em espástico e cicatricial. O entrópico primário pode ocorrer devido a uma série de alterações como anormalidades do desenvolvimento anatômico do tarso, o tamanho do globo ocular e seu posicionamento na órbita, o comprimento da fissura palpebral, do tônus do músculo orbicular e características faciais associadas a determinadas raças felinas como Persa e Maine Coone. O entrópico secundário espástico está relacionado à dor ocular causada por alterações como distriquíase, ceratite ulcerativa, conjuntivite e ceratoconjuntivite seca. O entrópico secundário cicatricial ocorre a partir da formação de uma cicatriz pós-traumática, inflamações crônicas como conjuntivites ou cirurgias (BASHER, 2007; WHITE et al., 2011). Deve haver uma avaliação prévia para determinar a causa mais provável do entrópico, se congênita ou adquirida, de forma que os fatores contribuintes sejam tratados e posteriormente o animal possa ser encaminhado à cirurgia corretiva (BASHER, 2007).

Os sinais clínicos são diversos e incluem epífora, blefarospasmo, fotofobia, conjuntivite e ceratite, acompanhada por vezes de ulceração corneana, podendo haver a presença de corrimento ocular purulento, em casos de contaminação bacteriana secundária, portanto, os sinais podem variar entre indivíduos (BASHER, 2007). Pode haver também vascularização e pigmentação corneana, além de umidade e descoloração da pele da pálpébra. O diagnóstico é dado a partir dos sinais clínicos e exame físico (SERRANO e RODRIGUES, 2013).

Este trabalho tem como objetivo relatar um caso de entrópico, em felino atendido no Hospital Veterinário da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Viçosa - FAVIÇOSA/UNIVIÇOSA.

Material e Métodos

O presente trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Uso de Animais da Faculdade de Ciências e Tecnologia

de Viçosa – FAVIÇOSA/UNIVIÇOSA, que atende às resoluções do Colégio Brasileiro de Experimentação Animal (COBEA) e do Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV), com protocolo número 163/2017- I.

Foi atendido no Hospital Veterinário da FAVIÇOSA/UNIVIÇOSA um felino, macho, de um ano e meio de idade, pesando 4,150kg, para consulta de rotina. Durante a anamnese o proprietário relatou a ocorrência de úlcera corneana há nove meses, sendo o animal submetido a um longo tratamento de 2 meses, período no qual a dor ocular foi constante, evidenciada por blefaroespasmo. O paciente foi submetido aos exames laboratoriais pré-operatórios de hemograma e bioquímica sérica e aferição de parâmetros fisiológicos, para avaliação do risco anestésico-cirúrgico.

Resultados e Discussão

Durante o exame físico constatou-se epífora bilateral e inversão de toda a extensão das pálpebras inferiores, sendo então diagnosticado o entrópio inferior bilateral (Fig. 1). Foi realizado o teste de fluoresceína, não sendo evidenciada a presença de úlcera de córnea

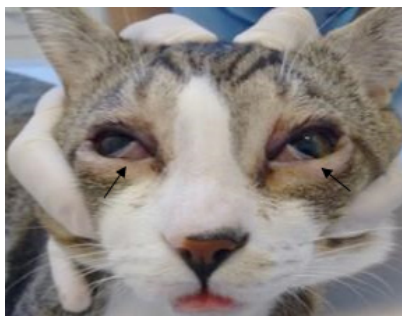


Figura 1 - Imagem evidenciando a inversão palpebral, em toda a extensão de ambas pálpebras inferiores (setas).

O quadro relatado evidencia um entrópio secundário espástico, corroborando com o relato de WHITE et al. (2011), sobre a ocorrência de doenças oculares primárias como ceratite ulcerativa causando blefaroespasma grave, levando ao desenvolvimento deste tipo de entrópio. Algumas das causas de ulceração corneana são traumáticas ou por contaminação por agentes infecciosos, como bactérias, fungos ou vírus (LAUS E ORIÁ., 1999). Causas traumáticas no surgimento do entrópio no quadro relatado foram descartadas devido à sua apresentação bilateral. Uma causa provável do entrópio seria uma infecção grave por herpesvírus felino, gerando uma úlcera corneana primária de difícil resolução, levando ao quadro de entrópio espástico. Não foram realizados exames complementares para a confirmação da infecção por herpesvírus felino no animal e o tratamento prescrito não incluiu medicamentos anti-virais

Os resultados dos exames estavam dentro dos padrões de normalidade para a espécie, e o mesmo fora considerado apto ao procedimento cirúrgico para a correção do entrópio. Sob administração de medicação pré-anestésica e anestesia geral inalatória, o animal foi posicionado em decúbito dorsal, sendo realizada a tricotomia da região palpebral inferior bilateral seguida da antisepsia da área tricotomizada. A técnica cirúrgica utilizada foi a Hotz-Celsus, que consistiu em uma incisão com bisturi no formato de “meia-lua” envolvendo todo o defeito palpebral a uma distância de 2 a 3 mm da margem palpebral inferior, separando-se a pele incisada com uma tesoura de íris (Fig. 2).



Figura 2 - Imagem evidenciando a ferida cirúrgica no formato de “meia-lua”, na pálpebra inferior direita.

A pele foi então suturada com fio de nylon 4.0, utilizando-se o padrão simples separado, começando na região média da incisão e lateralizando-se os nós. Como medicação pós-operatória prescrito foi cetoprofeno (1 mg/kg), por via oral, 4 gotas, a cada 24 horas pelo período de 3 dias e pomada oftalmológica a base de cloranfenicol sobre a ferida, a cada 8 horas por 7 dias, além do uso do colar elizabetano.

De acordo com Caplan e Yu Speight (2014), a técnica de Hotz-Celsus é amplamente utilizada no tratamento do entrópico, oferecendo bons resultados. Deve ocorrer um leve ectrópio cicatricial no pós-operatório imediato e após uma semana, a margem palpebral se encontrará posicionada adequadamente sobre a superfície ocular (WILLIAMS E KIM, 2009).

No presente caso, a intervenção cirúrgica foi realizada com a retirada de quantidade de pele suficiente, não necessitando de nova blefaroplastia e não causando um quadro de ectrópio tardio, concordando com Basher (2007), que relata bons resultados na correção de entrópico pela técnica de Hotz-Celsus, podendo essa técnica ser utilizada tanto nas pálpebras superiores quanto inferiores. Aos 10 dias de pós-operatório o animal apresentava bom estado geral, ferida cirúrgica cicatrizada, sem edema, sem sinais de infecção e então foi realizada a retirada dos pontos. As duas pálpebras não apresentavam ectrópio cicatricial no pós-operatório tardio (11 meses após a correção), evidenciando assim o sucesso do procedimento.

Considerações Finais

O entrópico apesar de ser uma afecção comum em cães, não é comumente relatado em gatos e existem poucos estudos sobre o assunto nesta espécie. Condições secundárias a irritações corneanas podem levar ao quadro de entrópico na espécie felina. A técnica Hotz Celsus, é a principal técnica utilizada para a correção cirúrgica de entrópico e, mostrou-se eficiente para o caso relatado.

Valendo ressaltar que é sempre importante avaliar a quantidade de tecido a ser retirado, a fim de não levar à ocorrência de um ectrópio cicatricial no pós-operatório tardio.

Referências Bibliográficas

ASHER, T; SLATTER, D. Manual de cirurgia de pequenos animais. Cap. 87 in: SLATTER, D. Manual de Oftalmologia Veterinária. 3.ed. Barueri, SP: Manole, 2007. 2714 p.

CAPLAN E. R.; YU-SPEIGHT A. Princípios e técnicas gerais: Doenças específicas. In: Welch T.; FOSSUM. Cirurgia de pequenos animais. 4.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014. p. 289-324.

LAUS, J. L; ORIÁ, A. P. Doenças corneanas em pequenos animais. Revista de Educação Continuada do CRMV-SP. / Continuous Education Journal CRMVSP. São Paulo, volume 2, fascículo I. p. 26 - 33, 1999

SERRANO, C. RODRIGUEZ, J. Nonsutured Hotz-Celsus technique performed by CO 2 lasers in two dogs and two cats. Veterinary ophthalmology, Espanha, v.17, n.3, p.228-232, 2013

WHITE, S. J.; GRUNDON A. R. A.; HARDMAN C.; O'REILLY, A. G STANLEY, R. Surgical management and outcome of lower eyelid entropion in 124 cats. Veterinary ophthalmology, Austrália, v.15, n.4, p.231-235, 2011.

WILLIAMS D. L.; KIM J. Y. Feline entropion: a case series of 50 affected animals (2003-2008). Veterinary Ophthalmology, Cambridge, v.12, n.4, p.221-226, 2009.